

FUNDAÇÃO DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

Relatório das sessões de 24 de dezembro de 1882
e de 5 de janeiro de 1883



Associação Espírita Brasileira

FUNDAÇÃO DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

RELATÓRIO

Das Sessões de 24 de dezembro de 1882 e de 5 de janeiro de 1883

PREÇO: 30 CENTS

À VENDA

NA SEDE SOCIAL: Passagem Choiseul, 39 e 41
(1883)

TRADUTOR

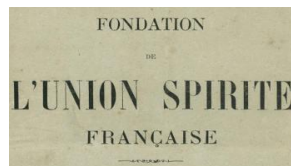
ABÍLIO FERREIRA FILHO

PREFÁCIO

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

CAPA

ERY LOPES



Fondation de l' Union Spirite Française

Compte-rendu

Des séances du 24 décembre 1882 et du 5 janvier 1883

En Vente

Au Siege Social, Passagem Choiseul, 39 et 41

1883

VERSÃO DIGITALIZADA EM 2018

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

WWW.AUTORESESPIRITASCLASSICOS.COM



Autores Espíritas Clássicos

Data da publicação: 14 de junho de 2018

TRADUTOR: Abílio Ferreira Filho

PREFÁCIO: Antonio Cesar Perri de Carvalho

CAPA: Ery Lopes

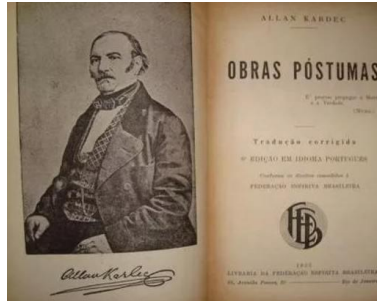
REVISÃO: Irmãos W.

Publicação: www.autoresespiritasclassicos.com



Autores Espiritas Clássicos

São Paulo/Capital
Brasil



O CAMINHO DA VIDA

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante idéia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, sendo a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima da existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea exterior e de relação, e a ausência, aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência

que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o vôo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido, O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem

lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as conseqüências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação é de molde a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma: suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário, um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal, depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe antolha, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. É qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: «Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu derredor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse!

Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho, como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpô-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os

passos em falso que dei.»

Diz-lhe então um ancião: — «Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao Espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa.»

— Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

— Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui.

Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesse passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida. Ao demais, procurando safar-te dos tropeços, contribuístes para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

— Meu pai, responde o viajor, numa das florestas, encontrei um homem que me disse: «Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi.»

— Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para cá se dirigem. Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os

intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vêem que caminham com passo lento e semblante jovial; vêem aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados.

O abismo simboliza os males que eles experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.

A estrada é a figura da vida espiritual da alma, e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz, as florestas são as existências corpóreas, onde se trabalha para o seu adiantamento, ao mesmo tempo que para a obra geral; o viajor que chega ao objetivo e que retorna para ajudar os que estão atrasados, é a figura dos anjos guardiões, missionários de Deus, que encontram a sua felicidade em seu objetivo, mas também na atividade que desdobram para fazerem o bem e obedecerem ao Supremo Senhor.

KARDEC, Allan. Obras Póstumas, O caminho da vida, RJ: Ed FEB, 2001.



Hoje quando decorridos treze anos desde o desaparecimento do fundador do espiritismo, as teorias do materialismo parecem triunfar procurando aplicar suas desastrosas influências. A vontade de gozar se apodera de todos os ignorantes, de quem se retirou por sofismas a base a moral, suprimindo *Deus*.

Para remediar tal estado de coisas, acreditamos que é indispensável nos agrupar de novo nossos esforços, de alguma sorte; marchando em filas fechadas, sob uma direção inteligente e ativa, que se pode cumprir grandes coisas. O isolamento, é a fraqueza; não permaneçamos por isso sozinhos conosco mesmos, formemos uma vasta associação que permitirá a todas nossas energias achar seu lugar útil, em uma palavra façamos a União Espírita Francesa.

Vede de todos os lados os benefícios da associação se tornaram palpáveis; não é senão casando seus esforços que os sábios chegaram a edificar o esplêndido monumento das ciências; façamos como eles, sigamos o caminho que eles nos traçaram, e nós espalharemos largamente a verdade.

Na centralização que vamos criar, está bem entendido que cada reunião, cada grupo, cada médium, cada espírita, conservará sua inteira independência e sua liberdade absoluta. Como o comitê eleito por vós só terá por objetivo centralizar os estudos e fazer o controle universal que é uma garantia para a unidade de direção. Pois não será pela voz de um homem que se vai aderir, mas pela opinião unânime dos Espíritos. Aí está verdadeiramente o caráter essencial da Doutrina espírita. Aí está sua força, aí está sua autoridade.

Deus quis que sua lei fosse assentada sobre uma base inquebrantável, por isso ele não a fez sobre a cabeça de um só. A opinião espírita francesa será o juiz supremo que nos reconhecerá, pois no concurso geral que nós acreditamos, as individualidades se apagam, e a coletividade será toda poder.

Para permanecer livres, nós repudiamos desde já toda personalidade; nós nos colocamos sobre um terreno inteiramente neutro para facilitar as idéias de conciliação, sem as quais não há nem força, nem poder.

Nossa doutrina será espalhada pelo jornal "O Espiritismo" que será de algum modo o Monitor universal do mundo dos espíritos.

Confiando à direção geral da União a um comitê nomeado por todos, evitamos o perigo que pode nos fazer incorrer as visões pessoais de um único homem e nós regressamos à grande tradição republicana.

Sr. Alexandre Delanne
União Espírita Francesa
24 de dezembro de 1882

ÍNDICE

Prefácio.....	12
Origens da União Espírita Francesa.....	14
Relatório da sessão do dia 24 de dezembro de 1882.....	16
Discurso do Sr. Alexandre Delanne (pai).....	16
Sobre O Jornal Le Spiritisme (O Espiritismo)	20
Discurso do Senhor Chaigneau.....	24
Discurso da Senhora Cochet.....	25
Discurso do Senhor Camille Chaigneau	29
Discurso da Senhorita de Lassus	37
Discurso do Senhor Gabriel Delanne (filho) Sobre a questão de Deus ...	42
Discurso do Senhor Léon Denis - Vindo de Tours, para essa solenidade	46
Sumário da sessão de 15 de janeiro de 1883.....	48
Lista dos membros do Comitê.....	49
Estatuto para União Espírita Francesa e a fundação de um jornal.....	50
Lista dos Membros da União Espírita Francesa.....	53
Apêndice	55

PREFÁCIO

Oportuna publicação digital é disponibilizada com editoria de Autores Espíritas Clássicos.

Vem a lume histórica publicação francesa do final do século XIX sobre a fundação da União Espírita Francesa, contando com tradução de Abílio Ferreira Filho.

Como um preâmbulo, os editores transcrevem a bela e ilustrativa história relatada por Allan Kardec “O caminho da vida”, que a estrada é a figura da vida espiritual da alma, transcrita de Obras Póstumas.

Em seguida, seguem-se os textos dos discursos e decisões registradas nas Atas relacionadas com a fundação da União Espírita Francesa (Union Spirite Française), das reuniões ocorridas em Paris entre 24 de dezembro de 1882 a 15 de janeiro de 1883. Embora no subtítulo da publicação cite o dia 5 de janeiro, a Ata em que foi lido e aprovado o Estatuto é do dia 15 de janeiro.

A apresentação é de Alexandre Delanne, o grande amigo de Allan Kardec.

Nas discussões prevaleceu “o princípio de uma federação ou União Espírita Francesa prevaleceu, sem prejuízo aliás de conexões que se poderiam formar posteriormente com as outras nações. Finalmente definiu-se com o título União.”

No transcorrer das discussões Alexandre Delanne comenta: “Os princípios de nossa filosofia foram reunidos, como vós o sabeis, em corpo de doutrina por nosso mestre que nos faz muita falta, Allan Kardec: foi preciso seu gênio e a cooperação do mundo invisível para espalhar-se tanto e tão rápido, nas massas, nossas idéias tão justas, tão consoladoras e tão grandes. Sua partida da terra foi uma perda bem sensível para seus adeptos e um grande prejuízo no desenvolvimento de nossa doutrina. Desde sua morte, com efeito, o espiritismo, nós o constatamos, diminuiu sua marcha.”

E cita como causa a guerra franco-prussiana e a dispersão dos espíritas, perdendo a “unidade no estudo”.

Surge a criação da nova revista *Le Spiritisme*, com o objetivo do ensino “conforme às idéias enunciadas por Allan Kardec, isto é simples, claro, e principalmente ao alcance dos novos adeptos, que não demandam senão a conhecer os costumes do mundo dos espíritos, a grande pátria a que nós devemos rever.”

Marcantes discursos foram feitos por Gabriel Delanne, sobre Deus, e por Léon Denis, com apelo caloroso à união e à concórdia.

O Estatuto da União Espírita Francesa em seu Artigo 1º, define:

“A união tem por objetivo o agrupamento de espíritas franceses, o estudo de todos os fenômenos espíritas, e a propagação da filosofia e da moral do espiritismo por todos os meios que as leis autorizam, e principalmente pela publicação de um jornal bimensal tendo por título: O Espiritismo, órgão da União Espírita Francesa.”

O presente volume registra momentos históricos e marcantes vividos pelo Espiritismo na França, oportunidade em que se completaria, em poucos meses, 13 anos da desencarnação do Codificador.

Na leitura dos discursos e comentários registrados em Atas, percebe-se que havia um ambiente de dissensão e de preocupações com a situação do Espiritismo na França, evitando-se comprometimento com a Sociedade anônima para a continuação das obras de Allan Kardec.

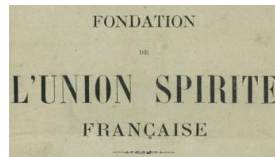
Da relação de 18 fundadores destacamos: Alexandre Delanne, Gabriel Delanne, Léon Denis, Madame Berthé Froppo. Há grande número de assinaturas como membros da União e assinantes da nova revista.

Sem dúvida, o apoio de Amélie Boudet, já nos últimos momentos de sua existência física, e o comprometimento dos fundadores da União Espírita Francesa, que acima destacamos, deixam claro que os genuínos amigos e seguidores de Allan Kardec estavam imbuídos do ideal de fidelidade à obra do Codificador.

São Paulo, julho de 2018.

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Ex-presidente da FEB e da USE-SP; ex-membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional



ORIGENS DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

No dia 4 de setembro último teve lugar em Paris, na sede da sociedade da rua dos Petits-Champs, uma reunião de espíritas, na qual foram discutidas questões colocadas por nossos irmãos da Bélgica; aí se fizeram as primeiras propostas de federação francesa. Um pouco mais tarde, o Senhor Leymarie, estando na Bélgica, escreve de Liège, no dia 22 de setembro, a um espírita parisiense, uma carta da qual extraímos a passagem seguinte:

"Havia aqui uma profunda cisão entre os espíritas belgas; eu pude amenizar os conflitos, e esta noite, eu espero, haverá reconciliação geral; se minha presença tivesse só esse resultado, eu abençoaria minhas fadigas diárias. Por que o que se faz aqui não se cumpriria em Paris? Vós deveríeis me ajudar, meu amigo, vossos pais são devotados à nossa doutrina, esquecendo os incidentes que puderam perturbar a harmonia, poderíamos, de mãos dadas, nos unir e nos amar, ser exemplo da conciliação e do esquecimento do passado, e criar mais seriamente a base da sociedade espírita futura."

Diante de tal apelo à reconciliação, o dever de todo espírita sincero era de responder; formou-se um comitê, tendo por objetivo agrupar os dissidentes e ao mesmo tempo estudar um projeto de estatuto para a futura federação francesa. Terminados os trabalhos, o comitê expôs os resultados diante de uma assembléia de cento e cinquenta pessoas, reunida na rua Saint-Denis; os estatutos elaborados foram aprovados por unanimidade, e já vários assistentes queriam fundar a federação sob o título de *União Espírita Francesa*, quando se fez observar que não se tinha o direito, não sendo a assembléia o suficiente geral para se considerar como mandatário dos espíritas franceses. Ficou então resolvido de ser realizada na sede da sociedade da rua dos Petits-Champs, uma outra reunião no dia seguinte, domingo, 19 de novembro. O que

ocorreu; o presidente fez leitura de uma série de questões relativas à constituição de uma federação francesa e belga; foi lido em seguida um projeto de união espírita comportando a criação de um jornal barato, órgão dessa associação. (*Na discussão, o princípio de uma federação ou União Espírita Francesa prevaleceu, sem prejuízo aliás de conexões que se poderiam formar posteriormente com as outras nações*). As questões relativas à organização dessa federação sendo múltiplas, foi decidido, sobre a proposição do Sr. Leymarie, de nomear uma comissão mista tendo por objetivo preparar um trabalho, que seria submetido à aprovação de uma assembléia geral, que, sozinha, teria competência para tomar decisões definitivas. Pôde-se ver então um espetáculo comovente, espíritas separados há longo tempo se dando as mãos e se tratando por irmãos, a alegria e a concórdia reinando em todos os corações.

O senhor Leymarie, no curso da reunião, propôs graciosamente o local da sociedade espírita para se realizar as sessões das comissões, esta aceitou e resolveu se reunir no domingo e na quarta-feira.

Uma sessão bastante curta teve lugar na mesma noite, e a comissão se inspirando nos debates da assembléia adotou o título de *Federação (ou União) francesa*; a segunda, na quarta-feira seguinte 22 de setembro. A comissão ia continuar seus trabalhos, quando um de seus membros, o Senhor Vautier, declarou que sendo administrador da Sociedade anônima para a continuação das obras de Allan Kardec, ele não podia admitir que, no local dessa sociedade, fosse questão de fundar um novo jornal espírita, pois, dizia ele, seria prejudicar os interesses da *Revista*. Tentou-se demonstrar-lhe que não seria assim e que toda extensão de nossas idéias não podia, ao contrário, senão ser proveitoso para a livraria espírita, que aliás não se tinha aceito a sociedade como sede da comissão senão sobre a proposição do Sr. Leymarie. Nenhuma dessas razões pode fazer reverter sobre a opinião dele. Um dos membros propôs de se reunir em sua casa, o que foi adotado.

A comissão, para permanecer no exercício de seu mandato, continuou seus trabalhos, malgrado a abstenção de algumas pessoas que se retiraram e creram dever retomar o projeto de federação francesa e belga.

Eis aqui o relatório da sessão que teve lugar em Paris, no dia 24 de dezembro último, na grande sala do Reduto, rua J.-J. Rousseau, 35, e onde assistiam mais de quatrocentas pessoas.

RELATÓRIO
DA SESSÃO DO DIA 24 DE DEZEMBRO DE 1882

Presidente: Sr. Doutor Josset

Secretários: Srs. Chaigneau e G. Delanne

A sessão foi aberta às 2 horas e 30 minutos

DISCURSO

É DADA A PALAVRA AO SR. ALEXANDRE DELANNE (PAI)

Senhoras e Senhores,

Caros Irmãos em crença,

Estamos felizes de constatar que vós aceitardes atender ao nosso apelo fraternal.

Vamos desenvolver diante de vós os motivos que provocaram esta reunião e que estavam contidos sumariamente em nossa convocação.

Devemos vos fazer compreender claramente nossa maneira de ver sobre a necessidade de criar a *União Espírita Francesa*, e, como corolário, a fundação de um jornal, órgão exclusivo dessa união.

Permiti-me, Senhores, lançar um rápido golpe de vista sobre a situação geral do espiritismo em nossa época. Os princípios de nossa filosofia foram reunidos, como vós o sabeis, em corpo de doutrina por nosso mestre que nos faz muita falta, Allan Kardec: foi preciso seu gênio e a cooperação do mundo invisível para espalhar-se tanto e tão rápido, nas massas, nossas idéias tão justas, tão consoladoras e tão grandes. Sua partida da terra foi uma perda bem sensível para seus adeptos e um grande prejuízo no desenvolvimento de nossa doutrina. Desde sua morte, com efeito, o espiritismo, nós o constatamos, diminuiu sua marcha.

Relembremo-nos brevemente as causas principais:

A guerra desviando os espíritas das especulações filosóficas nos fez muito mal, e no entanto se nosso chefe estivesse vivo, que partido não teria ele tirado de tal estado moral. Ele teria sabido, por sua grande autoridade, atrair a nós aqueles que sofreram cruéis feridas da pátria. Ele teria feito renascer a esperança nos corações quebrados que perderam um dos seus para a defesa de nossos lares.

Mais tarde, as ardentes lutas políticas que tivemos que sustentar, empregando todas nossas energias de cidadãos, retardaram a eclosão das sementes que prometiam uma abundante ceifa. O mundo espírita, separado subitamente por essas convulsões sociais, não tendo mais nosso mestre para reunir a família espírita em torno dele, nossos irmãos se dispersaram e trabalharam isoladamente. Resultou forçosamente desse estado de coisas uma falta *de unidade no estudo*. As comunicações não sendo mais suficientemente controladas não puderam servir à *elucidação de novas leis* seguindo os princípios postos pelo Mestre, malgrado os louváveis esforços de homens animados de bons sentimentos.

Hoje quando decorridos treze anos desde o desaparecimento do fundador do espiritismo, as teorias do materialismo parecem triunfar procurando aplicar suas desastrosas influências. A vontade de gozar se apodera de todos os ignorantes, de quem se retirou por sofismas a base a moral, suprimindo *Deus*.

As obras espíritas, espalhadas com profusão, teriam combatido eficazmente o arrastamento dos espíritos nessa via perniciosa. Contamos com os preços baixos das obras fundamentais para colocá-las ao alcance de todos, e cremos ainda que é uma das causas da diminuição da difusão de nossas crenças.

Os grupos, entregues a si mesmos, *insuficientemente visitados*, sentiram falta de método no ensino de nossa filosofia, a unidade de vista se fez defeituosa, não produziram os resultados como se esperava.

Para remediar tal estado de coisas, acreditamos que é indispensável nos agrupar de novo nossos esforços, de alguma sorte; marchando em filas fechadas, sob uma direção inteligente e ativa, que se pode cumprir grandes coisas. O isolamento, é a fraqueza; não permaneçamos por isso sozinhos conosco mesmos, *formemos uma vasta associação* que permitirá a todas nossas energias achar seu lugar útil, em uma palavra *façamos a União Espírita Francesa*.

Vede de todos os lados os benefícios da associação se tornaram palpáveis; não é senão casando seus esforços que os sábios chegaram a edificar o esplêndido monumento das ciências; façamos como eles, sigamos o caminho que eles nos traçaram, e nós

espalharemos largamente a verdade.

Na centralização que vamos criar, está bem entendido *que cada reunião, cada grupo, cada médium, cada espírita, conservará sua inteira independência e sua liberdade absoluta*. Como o comitê eleito por vós só terá por objetivo centralizar os estudos e fazer o controle universal que é uma garantia para *a unidade de direção*. Pois não será pela voz de um homem que se vai aderir, mas pela opinião unânime dos Espíritos. Aí está verdadeiramente o caráter essencial da Doutrina espírita. Aí está sua força, aí está sua autoridade. Deus quis que sua lei fosse assentada sobre uma base inquebrantável, por isso ele não a fez sobre a *cabeça de um só*. A opinião espírita francesa será o juiz supremo que nos reconhecerá, pois no concurso geral que nós acreditamos, as individualidades *se apagam, e a coletividade* será toda poder.

Para permanecer livres, nós repudiamos desde já toda personalidade; nós nos colocamos sobre um terreno inteiramente *neutro* para facilitar as idéias de conciliação, sem as quais não há nem força, nem poder.

Nossa doutrina será espalhada pelo jornal "*O Espiritismo*" que será de algum modo o Monitor universal do mundo dos espíritos.

Confiando à direção geral da União a um comitê *nomeado por todos*, evitamos o perigo que pode nos fazer incorrer as visões pessoais *de um único* homem e nós regressamos à grande tradição republicana.

Vivemos em Paris e na província, sem um laço fraternal de união; somos tão estranhos uns aos outros como se vivêssemos em latitudes diferentes; não se acreditaria jamais que uma mesma crença faz bater nossos corações; isso se dá pela falta de coesão daqueles que compartilham nossas idéias. Trata-se de nos unirmos em um feixe para aprender a nos conhecer, a nos amar e a nos apoiar uns aos outros.

Para formar essa associação tão desejada e tão necessária, nós vos propomos depositar 50 centavos por mês, ou 6 francos por ano, para criar essa federação e para fazer parte dela, pois malgrado o desinteresse inteiro de pessoas que querem ser nomeadas para a direção, impõem-se *despesas gerais* que é preciso cobrir, tais como: aluguel, iluminação, correspondência, etc.. etc.

O conjunto dos espíritas sendo de trabalhadores, e os membros do comitê devendo ser tomado desse conjunto, não poderiam consagrar à obra senão a *décima segunda hora*, isto é já uma tarefa pesada que eles aceitam, a da Direção. Eles não devem por isso ter outras despesas senão aquelas que são comuns a todo associado.

Os membros da *União Espírita Francesa* serão convocados periodicamente em um lapso de tempo que a própria assembléia determinará. Aí serão discutidos os interesses gerais e se tratará a questão dos congressos futuros.

Se vós respondeis a nosso apelo e que nossas idéias sejam compreendidas, nós vos proporemos, no futuro, quantias que poderão ser utilizadas para fazer *conferências espíritas tanto em Paris quanto na província, e criar tanto quanto possível bibliotecas espíritas populares.*

Em resumo, nós queremos que na "União" reine a mais perfeita igualdade entre seus membros; pois, sendo todos irmãos, devemos usufruir dos mesmos direitos. Ninguém será superior aos outros, se não for pelo seu devotamento à causa comum.

Vós sereis por isso inteiramente livres para nomear para o comitê aqueles que vos parecerem os mais dignos.

Vós ireis ver que os *estatutos* que nós vos submetemos foram elaborados no espírito que nos parece ser o mais liberal.

Vós sereis chamados a sancioná-los ou a fazer as objeções que eles vos suscitarão.



SOBRE O JORNAL LE SPIRITISME (O ESPIRITISMO)

Passemos agora à necessidade da criação de um novo jornal, que chamaremos: "*O Espiritismo*"

Em tese geral, quanto mais uma crença, quanto mais uma filosofia política ou fisiológica tem órgãos à sua disposição, mais forte ela é, mais ela é chamada a crescer. - Por isso, *a priori*, a criação de um novo jornal espírita só pode ser vantajoso à nossa causa.

Mas há outras razões sérias que se impõem, elas são de várias naturezas:

- 1º. Razões particulares à *União espírita*;
- 2º. Razões sociais;
- 3º. Razões relativas ao ensino dos princípios do espiritismo.

1º. É indispensável que o resultado da concentração dos trabalhos seja exposto em uma folha *periódica especial*, a fim de que todos os adeptos conheçam o resultado dos Estudos.

2ª. Para que os espíritas possam melhor se conhecer, o jornal dará o endereço dos diferentes grupos de Paris e da província, o nome dos médiuns, os efeitos que eles produzem, etc., a fim de que nossos irmãos, desejosos de dar manifestações ou um controle a exercer, saibam aonde se dirigir.

3ª. Enfim, o ensino que daremos será conforme às idéias enunciadas por Allan Kardec, isto é simples, claro, e principalmente ao alcance dos novos adeptos, que não demandam senão a conhecer os costumes do mundo dos espíritos, a grande pátria a que nós devemos rever.

Isso não nos impedirá de ter uma parte puramente científica para os espíritas já

instruídos, onde estabeleceremos a superioridade de nossos princípios sobre os sistemas filosóficos ou religiosos já conhecidos.

O Sr. Chaigneau vos explicará daqui a pouco a influência do espiritismo do ponto de vista social. Teremos por missão combater o materialismo, que é o mais terrível dissolvente da sociedade. É preciso nos dedicarmos em divulgar nossas idéias em todas as classes e particularmente nas dos trabalhadores. É preciso demonstrar-lhes que nós somos realmente irmãos, que a situação deles, frequentemente penosa, é só temporária, e que, submetendo-se à Lei do trabalho, que enobrece seus filhos, eles crescem moralmente, e poderão mais tarde adquirir uma posição mais *feliz*.

Examinemos agora o lado administrativo desse jornal.

Nosso órgão, para produzir bons resultados, deve ser editado todos de *quinze em quinze dias*, a fim de manter os leitores ao corrente dos acontecimentos do mundo espírita. De mais a mais, é urgente, é indispensável que ele *seja barato* para ser acessível a todos os bolsos. Nós fixamos a *assinatura* anual em 4 francos somente. *O Jornal será publicado duas vezes por mês, tendo oito páginas de texto por número.*

Seu comitê de redação será nomeado por vós por *eleição*; é aqui que é bom e necessário fazer conhecer de novo que *todas as funções, quaisquer que sejam elas, são inteiramente gratuitas*. É preciso o maior devotamento à nossa grande causa, é preciso pagar com a sua pessoa e com seu talento.

Fazemos pois um caloroso apelo aos nossos irmãos em crença de Paris e da França inteira, a fim de que eles nos ajudem a divulgar às mãos cheias essas idéias que fazem sua felicidade e a nossa.

Eis aqui o que temos a honra de vos propor para pôr em prática, é preciso subscrever cotas de fundadores que serão de 50 francos cada uma; mas é preciso que todo o mundo possa ter a honra de engajar seu nome nessa criação tão grande para o futuro; decidimos pois que haverá cotas subscrição para todo valor, desde 50 francos até 5 francos.

Como não queremos fazer uma sociedade comercial, é preciso considerar os valores aplicados como *donativo* feito para a propagação do *espiritismo*, e para cobrir as despesas inerentes à toda publicação. Se, entretanto, em um dado tempo o sucesso corresponder à nossa expectativa, nós reembolsaremos o dinheiro adiantado, conforme explicado em nosso estatuto.

Para aplicar nossos princípios de igualdade e de fraternidade, fica bem entendido que os subscritores e os fundadores são iguais, qualquer que seja o nome das cotas subscritas por eles. Eles só terão direito a uma voz nos votos da *União Espírita Francesa*.

A *obra* que empreendemos é muito grave e muito séria para comprometê-la por um apressamento inoportuno; não publicaremos o jornal senão quando tivermos os fundos necessários para cobrir as despesas do primeiro ano.

Senhores,

Terminando, podemos afirmar em alta voz que nenhuma intenção dissimulada domina essa comissão que tem seu mandato de *duas assembléias precedentes*. Isso deve ser para vós, senhores, a maior e a melhor garantia de suas intenções. O mais profundo *desinteresse* tem presidido a seus trabalhos, e é uma obra de devotamento, visando o bem de nossa querida doutrina, que o fez tomar a iniciativa do movimento.

Nós cremos, por deferência e para dar mais autoridade à nossa criação, dever comunicar nossas idéias, nossos projetos à Senhora Allan Kardec, que malgrado sua idade avançada, conservou intacta a lucidez de seu espírito prático e judicioso. *Ela aprova em princípio uma vasta associação moral entre todos os espíritas, e a fundação do jornal barato, que ajudará a divulgar mais largamente os princípios fundamentais da doutrina inaugurada por seu ilustre marido.*

Aguardamos confiantes o veredicto que vós ireis dar, pois essa União Espírita Francesa que nós editamos nesse dia não é somente nossa obra pessoal, mas a de nossos caros espíritos que nos clamam do alto do espaço:

Amai-vos, uni-vos!

Senhoras, Senhores,

Para vos mostrar a oportunidade que apresentamos, nós vamos vos dar conhecimento das cartas de nossos irmãos do interior, que todos aderem com felicidade à nossa ideia de federação e à fundação de nosso jornal.

O Senhor Léon Denis, de Tours, secretário da Liga do Ensino, nosso irmão e amigo, além do mais chefe de grupo nessa cidade, veio com urgência para ter a honra de ser testemunha da fundação de nossa união, e para selar de alguma sorte, por sua presença,

a solidariedade que deve reinar entre nossos irmãos de Paris e do interior; vai vos expressar seu ponto de vista, suas impressões, a propósito da "União Espírita Francesa."
(Aplausos)

O orador faz leitura da correspondência enviada do interior, que nos traz numerosas adesões, elas são acolhidas por calorosos aplausos. O presidente propõe votar agradecimentos ao Senhor Delanne pelo zelo do qual fez prova, a assembléia aprova por aplausos.

DISCURSO DO SENHOR CHAIGNEAU:

Antes de prosseguir em nossos trabalhos, temos que nos apresentar aqui, a fim de não nos expormos a nos beneficiar de um mal-entendido, aliás bem improvável.

Respeitamos nossos irmãos da Federação espírita francesa e belga, e desejamos ter com eles as mais corteses relações. Para evitar qualquer surpresa, nós renunciamos à palavra "Federação" que era querida a vários dentre nós, e a associação que vos pedimos para constituir se apresenta sob o título de "União Espírita Francesa." Há uma diferença de modo entre as duas associações, há uma diferença de nome: não poderá haver equívoco.

Se, na carta que vos convocou, houve a questão da assembléia de 19 de novembro, ter ocorrido no local da Sociedade de Estudos Psicológicos, é que naquele dia foi nomeada uma Comissão de Estudos, e que está entre nós que acreditamos justo e legítimo fazer menção, em razão do mandato que lhe foi conferido e que eles mantiveram intacto até o dia de depositá-lo nas mãos de uma nova assembléia.

Dito isso, simplesmente para descartar qualquer possibilidade de mal entendido, cremos ser os intérpretes de nossos irmãos que vão constituir a "União Espírita Francesa", declarando novamente que, a lei espírita sendo a lei de fraternidade, nós dirigimos a nossos irmãos da federação franco - belga o cumprimento de colaboração solidária e de cordial harmonia. Há entre as duas organizações muitas ligações de princípios e muito de amizades comuns para que nós sonhássemos um só instante em considerá-las como completamente estranhas uma à outra e como não tendo nada em comum.

Esperamos, ao contrário, por nossa parte, que elas sejam chamadas a realizar um bom trabalho, caminhando de mãos dadas, completando uma à outra. O futuro é da solidariedade: nós enviamos a nossos irmãos o cumprimento de solidariedade.

Essas declarações fraternas são vivamente aplaudidas.

DISCURSO DA SENHORA COCHET:

Senhoras, Senhores,
Irmãs e irmãos em humanidade,

Fomos chamados aqui em torno de uma bandeira: a do Espiritualismo experimental. Viemos dar a essa Doutrina a vida social individualizando-a, de alguma sorte, pelo agrupamento de todas nossas individualidades.

A grande força humana, é o trabalho solidário. Agrupar-se em torno de uma ideia, é lhe dar o poder de radiação, é sair da abstração para lançá-la na ação, é realizar nela uma obra.

O que pode a ação coletiva, temos nela a medida pelos exemplos mais encorajadores: todas as reformas obtidas, todos os progressos realizados, são devidos a esse mesmo princípio. Para não citar senão uma obra querida entre todas, uma obra que saudamos com um respeito tão mais simpático quanto ela é um pouco irmã da nossa, quanto de benefícios a Liga do Ensino tem difundido.! Formada do concurso de algumas boas vontades obscuras, sem recursos pecuniários, sem influência política, malgrado os vexames, os entraves de toda sorte, ela pôde exercer uma ação tão considerável como hoje, irradiando sobre toda a França, espalhando largamente a instrução elementar, ela contribui para uma boa parte ao levantamento de nosso país.

E, assim nós também adotamos uma causa de Progresso; desejamos também a emancipação dos espíritos, a elevação do nível moral; também viemos nos arrancar as almas das trevas do Passado; da superstição, da ignorância, da fé cega, do atropelamento do Dogma, da pressão sacerdotal. Nós abraçamos a Liga santa; queremos espalhar a luz intelectual que dá ao homem o sentimento de sua dignidade, que cria a rentabilidade pessoal, que revela o ideal de justiça. Nós dizemos: *fora da ciência não há consciência, fora da consciência não há liberdade.*

Eis aqui o que precisamos afirmar bem alto. Não nos enganemos quanto ao alcance da Filosofia espírita. Progressiva, ela é acusada de imprimir um recuo em direção das superstições da idade média. Emancipadora, ela é acusada de ser entrave para a transformação social. Científica, ela é acusada de ser um desafio à ciência.

Essa injustiça da opinião leva a esse fato: sendo a escola materialista proclamada guardiã dos direitos populares, sendo sobretudo reclamada da ciência que ela pretende exclusivamente representar, soube, a esses dois títulos, deslumbrar as massas que não são presas do jugo clerical senão para cair sob o jugo doutoral. Nosso século, que não acredita mais no padre como representando Deus crê em compensação no sábio representando a ciência absoluta. Os espíritos que outrora se submetiam a um dogma, se submetem hoje a uma definição: há uma fé científica, tão dócil quanto era a fé religiosa. No lugar de se remeter à infalibilidade de um Concílio, ela se remete à infalibilidade de uma faculdade. Em resumo, o grande padre de nossa época, é o sábio. Entendamos, o sábio devidamente diplomado, agregado, ligado a uma faculdade qualquer, o sábio ortodoxo, oficial, decorado, brevetado com garantia do governo.

A escola materialista, que conta com muitos desses sábios felizes, tem belo jogo para fazer o processo de todos aqueles que pretendem discutir seus oráculos. Desde o aparecimento do Espiritismo, ela se pronunciou por um julgamento sem réplica: as experiências espíritas se afastando das teorias materialistas, eram consideradas como não avenidas: tais fenômenos eram impertinentes; quanto aos espíritas, eram tão tolos que não passavam de pequenas casas. Uma gargalhada confirmou isso.

Após trinta e cinco anos de provas mostradas, estamos ainda sob o golpe desse julgamento sumário e dessa amável alegria: francamente, é tempo de protestar e de nos defender. Temos para nós o poder dos fatos: nossa filosofia é experimental, e aí está a sua força; também reclamemos, para o espiritismo, essa ciência psicológica, um lugar na fila das ciências positivas.

Sem dúvida a tarefa é difícil: sabemos quais contradições, quais oposições interessadas que se erguerão para entravar nossa ação. Quando falarmos de nossas experiências, nos desafiarão para produzi-las; quando nos pedirem para produzi-las se recusarão em constatá-las. Já provamos e sabemos muito a que grau de cegueira podem atingir homens que mantêm por todas as maneiras seus cérebros nos erros consagrados. Ainda hoje é muito verdadeiro que, malgrado os testemunhos consideráveis de William Crookes, Warley, Zöllner, Wallace, de todas as personalidades mais altas da ciência estrangeira, os corpos de sábios nos rejeitam: que seja! Nós apelamos à ciência contra o corpo de sábios!

À ciência que não é nem desdenhosa, nem rotineira, nem ambiciosa, nem sistemática, nem retrógrada, mas que sem paixão, sem interesse venal, sem ódio, é guiada em direção a um único objetivo: o conhecimento da verdade. À ciência que não é de forma

alguma oficial, mas que é universal; que não vai de modo algum se fechar numa academia; mas que, percorrendo a imensidade dos mundos, se dirige ao infinito das inteligências, à ciência cujo puro archote antes de pedir emprestado aos astros o deslumbramento de sua luz, tomara a primeira faísca sobre a fronte dos pastores da Caldéia; à ciência ao mesmo tempo cândida e forte que, se inclinando para Pierre Gassendi, fortaleceu Galileu contra a perseguição, encorajava Papin sem fazer pouco caso da sua panela; à ciência que, atenta e recolhida, observou alternadamente a cuba de Mesmer, as rãs de Galvani e as mesas de Allan Kardec.

Essa é a única ciência que reconhecemos como nossa, e é a ela que consagramos nossos trabalhos.

Quanto à contradição, ela não será capaz de nos deter. Repelidos, voltamos ao ataque. Nem os escárnios da ignorância, nem o desprezo da falsa ciência nos impedirão de prosseguir na propagação de nossos estudos; também não temos mais o direito de nos abster de estarmos orgulhosos. Todos, tantos que somos, não nos pertencemos mais, somos escravos: os escravos da verdade.

A esse propósito, eu jamais compreendi a palavra de Fontenelle: "Se eu tivesse a mão cheia de verdades, eu me resguardaria de abri-la." Como bem se vê Fontenelle não sabia o que tinha e que a verdade, pássaro divino, nunca faria seu ninho nessa mão egoísta. Se, entretanto, um dia, ele entreviu, compreendeu uma das grandes leis universais: a pluralidade dos mundos habitados. E então! o que fez esse homem prudente?... Eh, meu Deus, ele confessou essa heresia, acusou essa enormidade, provando assim a si mesmo, desmentindo sua famosa máxima que, não quis ela, a mão que contém um raio não se abre sozinha. Nenhum Muscius Scévola teria a força de reter o carvão ardente que devora: a verdade se murmura, se diz, ou se grita; mas ela se desprende, ela se afirma.

Dizendo isso, parece que eu prego o apostolado. Eu não me defendo disso, é precisamente aí que eu paro, porque toda iniciação é uma necessidade, é a consequência da convicção, e que todo crente é um apóstolo. Eu sei que o título de apóstolo está muito depreciado: mal conduzido inicialmente, está embaraçado, ridículo, sem contar que de todas as condições a dos pescadores de homens está ainda mais dura. Eh então! sim, mas aí nada podemos; estamos numa falange em marcha, é preciso marchar! nós sabemos! é preciso exclamarmos; nós possuímos, é preciso dar. Não saberemos dissimular que somos ainda muito frios na propagação. Guardamos talvez muito respeito humano, não temos aquele zelo que sacrifica tudo pela causa a

que serve. Em resumo, dispensamos muita força em nos indignar contra a má vontade dos incrédulos, a amaldiçoar o materialismo em vez de empregar essa força de convicção tão poderosa e tão fecunda, à demonstração ardente e contínua dos fatos que nós afirmamos.

Eu dizia em determinado momento que a verdade não pode ficar encerrada em uma individualidade; e que, segundo a força daquele que é penetrado, ela se manifesta no grito ou no murmúrio. E, a Verdade que já temos recolhido, nós a murmuramos..., muito frequentemente de forma ininteligente. Eu não quero dizer que seja preciso gritá-la; tomemos o meio termo, digamos aí claramente, lealmente, firmemente, digamos do modo mais irrecusável pela demonstração dos fatos. Sonhemos também que para os resultados que perseguimos não é da união de todas as forças. Que nenhum de nós se julgue muito humilde e se recuse invocando sua insuficiência. Individualmente, nenhum de nós poderia suportar o peso de tão grande verdade. Mas, coletivamente e por uma comunhão de meios, de faculdades diversas, poderemos esperar cumprir a missão que nos compete. Nós nos sentimos úteis, e nada que é útil deve ser descartado. Relembremo-nos que, na ordem física, são os pequenos, os trabalhadores obscuros que fizeram o mundo. Assim, na ordem intelectual, os pequenos, agindo coletivamente, lançaram as bases sólidas sobre as quais se apoiará mais tarde uma verdade benéfica. Quando, resumindo o trabalho cumprido, um homem se levanta e diz a última palavra, esse homem é proclamado grande; sem os pequenos, isso não teria ocorrido; toda grande obra é coletiva. Penetremo-nos desse pensamento para aceitar de boa vontade e de coração a tarefa obscuramente meritória de um período preparatório; tenhamos a honra de estabelecer um novo mundo moral; nosso papel de sacrifício é no entanto viável: nós trabalhamos para a Verdade.

Só acrescento uma palavra: empenhemo-nos a dar à filosofia espírita seu verdadeiro caráter. Nossa doutrina não tem de modo algum dogma, ela tem só princípios; ela impõe o respeito profundo da dignidade humana; por ela, a necessidade de solidariedade se afirma no mesmo grau que a necessidade de justiça. Sua fé, ela a coloca toda no destino das gerações emancipadas pelo progresso; ela não considera o ser somente na curta passagem de sua encarnação humana, ela o segue em sua evolução eterna, ela o aprecia em sua essência absoluta, ela vê no homem o espírito que trabalha e luta para atingir um objetivo sublime, e, abraçando a criação na sua divina síntese, ela proclama sua fé na Humanidade que, pela ciência, deverá se elevar até Deus. *Vivos aplausos saúdam essa peroração.*

DISCURSO DO SENHOR CAMILLE CHAIGNEAU:

Irmãos e Irmãs,

Para aquele que crê na solidariedade, fosse ela inconsciente, de todo o trabalho humano, solidariedade que prova a impulsão superior jorrada de um centro de unidade, para aquele que entrevê a maravilhosa síntese do arquiteto, então como os materiais, os brutos ou trabalhados, juncam ainda o solo da obra cheia de trabalhadores dispersos, para aquele que concebe um objetivo único ao imenso formigamento de esforços, é impossível não procurar o vínculo que liga entre eles as diversas manifestações do pensamento de seu século, é impossível se confinar em uma filosofia abstrata e se desinteressar do turbilhão ativo das idéias vividas, das idéias que se manifestam pelos grandes fatos sociais. Também, não credes vós?

O porvir deverá ser na concepção de que será bastante alto e bastante vasto para abraçar o conjunto das leis cósmicas e da vida universal e ao mesmo tempo para unir em um só feixe os impulsos de progresso que atormentam nosso grão de areia terrestre; em uma palavra, o arquiteto, ainda desconhecido, de todo o trabalho que se cumpre, esse deve ser o conceito sintético, o conceito divino que estabelece o papel da terra e de seus filhos na harmonia dos mundos e o papel do homem na harmonia da terra. Há por isso a considerar duas preocupações principais, que por vezes se acham confundidas em um mesmo gênio, quando esse gênio se chama Fourier ou Victor Hugo, quando ele encarna na obra altamente filosófica e profundamente social de um Allan Kardec, mas que, na maior parte do tempo, compartilham das inteligências e das atividades seguindo o princípio da divisão do trabalho. Há por isso duas tendências primordiais: uma em direção ao além-túmulo, outra em direção a este mundo; uma que nos leva em direção ao ideal do céu, uma outra que nos traz em direção às realidades da terra; uma que abre nossas asas em direção a todas as grandezas das altas regiões, uma outra que nos faz ajoelhar diante de todos os sofrimentos dos pequenos; uma que por vezes nos faz desprezar a terra como um campo de trabalhos forçados, uma outra que nos faz amá-la como um berço; uma que nos desgarrar desse mundo pelo amor do infinito, uma outra que nos prega nele imperiosamente pelo amor de nossos semelhantes; uma que nos torna espiritualista, uma outra que nos torna socialistas.

Até aqui, a generalidade dos homens desconheceu a harmonia dessas duas tendências. Temos acreditado serem elas contraditórias; e no entanto, elas não são mais incompatíveis como os movimentos alternados do tórax no ato fisiológico que renova incessantemente a vida do sangue, elas não são mais desarmônicas entre si como as duas tendências inversas do aparelho pulmonar no ritmo da respiração.

É precisamente o que procuramos demonstrar aqui pelo fato. O trabalho preparatório dessa assembléia reuniu alguns dentre nós em um pequeno grupo que vai tomar lugar na grande associação que vós sois chamados a formar. Mas, tão temporário quanto tenha sido o mandato da comissão, esse grupo, que se sentiu imediatamente unido malgrado suas provisões diversas, e talvez mesmo por causa de sua variedade profunda, testemunho, eu creio, nesse momento, da dupla ação da qual acaba de ser falada. Cada um de nós está perfeitamente penetrado do que dirão seus irmãos e se associa de coração; mas ao mesmo tempo cada um de nós escolhe mais especialmente sua tarefa em uma das duas tendências que pelo seu ritmo harmonioso constituem a vida integral. Uns têm para vos falar da imortalidade da alma e da ideia de Deus considerado como o foco superior de todas as coisas; os outros têm para apresentar algumas ideias sobre o progresso social e sobre a lei de solidariedade humana, isto é, sobre a ideia de Deus considerado como imanente à Humanidade graças à radiação de grande sol espiritual.

E tudo isso faz parte do mesmo programa, tudo isso se abriga sob uma mesma ideia, sob uma mesma palavra: o Espiritismo. É porque nós acreditamos que o espiritismo é precisamente a concepção de que se tinha falado há um instante, concepção assaz alta e bastante vasta para abraçar o conjunto de leis cósmicas e de vidas extraterrestres, e ao mesmo tempo para unir em um só feixe os impulsos de progresso que atormentam nosso pequeno planeta.

Somente, sobre a terra, o espiritismo, não é ainda senão um clarão, ou antes uma semente de faíscas, espalhadas por todas partes é verdadeiro, mas cuja chama não conquistou ainda as vastas planícies destinadas ao abraçamento do foco do qual ela emana. Acreditamos que a hora dessa conquista chegou, e porque devemos levar nossos olhos onde a vida é abundante, onde o ardor fermenta, na direção da terra arada e fecundada por nossos grandes lamentos que fizeram da França a heróica matriz onde tudo começou.

Não se pode dizer ainda, neste momento, que o espiritismo e a democracia marcham de mãos dadas. O espiritismo é desconhecido e a democracia é imensa. No entanto seu

casamento é necessário. Eles são tão indispensáveis um ao outro que estão entre eles a ceifa e o pleno sol do verão. Sem o calor do astro triunfante que encara a terra face a face, os milhos verdes apodreceriam antes de se transformar nos altos caules dourados que parecem raios materializados e que acumulam em seus cumes a substância concentrada da vida. Sem as ceifas a fecundar, sem a vida planetária a fazer jorrar de todas suas manifestações, sem os bem feitos do desabrochar universal, o grande sol de julho, com seus raios estéreis, seria maldito como um astro altivo e egoísta, a natureza fecharia os olhos para não vê-lo, ela exclamaria: o sol, é o mal! e, dobrada sobre si mesma, ela procuraria em si mesma somente a força para constituir sua vida solidária. É o que aconteceu no domínio espiritual. Criamos um Deus odioso, que temos podido acreditar como tal porque nós o temos coberto por um véu de nuvens; nós temos imaginado um mundo espiritual fantástico e adaptado às exigências de um poder dominador, e temos acreditado assim, porque não nos era permitido atravessar a nuvem para ver se era verdadeiro. Também, num belo dia, a consciência humana se revoltou, e derrubou todo esse andaime de lendas. Tínhamos bastante desse Deus, e dos santos, e dos milagres, e de toda essa exploração do assombramento humano. E como não se conhecia do céu senão numa forma caricata, suprimíamos a caricatura e se dizia: ocupemo-nos com a terra; pelo menos aí não poderemos ver por nossos olhos, e não nos enganaremos. E trabalhou-se, sem se duvidar que se colaborava com o Deus desconhecido, com o Deus vivo que penetrava os espíritos e os corações através do adensamento dos nevoeiros, e por assim dizer, sob o véu do anonimato.

E nisto, um raio de sol veio furar as nuvens; mas, como não acreditávamos no sol, não o tendo jamais visto, se dizia: É uma ilusão, é uma alucinação; irmãos, fiquemos em guarda, não viremos nossos olhos para o alto, mais do nunca, voltemos os mesmos em direção à terra, o único lugar de toda certeza. E não se diz que se um sol não a tivesse iluminado, essa terra, através das nuvem, nenhum sábio teria podido mergulhar seu olhar através de um microscópio, e que se jamais um astro de amor tivesse iluminado a humanidade, através de seus nevoeiros, nenhum historiador, nenhum sociólogo tivesse podido observar dessa força de coesão que impulsiona os povos ao progresso pela solidariedade.

É preciso que levemos em conta, que a democracia desconfia do espiritualismo. É que o povo, em sua generalidade, não conhecia sua verdadeira fisionomia: nós não o temos mostrado senão sob a forma de dogmas; temos criado fantasmas para subjugar sua razão que mantinha na infância. E quando o dogma desabou, os filósofos quiseram

manter sua fé em Deus e na vida imortal, apoiando-a em princípios abstratos, a crença nas coisas de além-túmulo chegava a um ponto a ser compreendido por uma metafísica dificilmente acessível à inteligência de todos. A metafísica, apresentada ao povo, não encontrava o caminho de seu espírito, que suas decepções lhe inspiraram mais a desconfiança contra as doutrinas propostas. O principal argumento não era senão este: "Já que há injustiça no mundo, não é preciso que haja uma outra vida onde essas injustiças sejam reparadas, onde os bons recebam sua recompensa, e os maus seu castigo?".

E o povo dizia: "Nós conhecemos essa filosofia; é ela que provoca nossa indignação, nossas revoltas, nossa sede de uma sociedade melhor; é com ela que os felizes desse mundo nos enganam há tanto tempo fazendo-nos entrever as compensações de uma outra vida à qual na maior parte do tempo nem eles mesmos acreditam; e, eis aí o bastante, queremos fazer a justiça nesse mundo".

E o povo era bem desculpável de desconfiar do espiritualismo, e tinha razão em querer estabelecer a justiça na terra; e ele se pôs a trabalhar e a lutar.

Já há longo tempo que ele trabalha e luta. Quantos esforços despendidos, quantas tentativas, quantas ebulições heróicas! Mas infelizmente! Quantas convulsões sinistras, quantas dores, quantos abortamentos! A democracia, tão longe ela se estende, ainda parece com esses trigos verdes que não receberam os raios do verão; ela empurrou viva e vigorosa sob os hálitos da germinação; mas ela sofre, pois ela aspira pelo momento da ceifa, e essa hora ainda não chegou, e se arriscaria a se transformar em erva, se as nuvens não se afastassem para deixar cair sobre ela os raios do pleno sol do verão. Esse sol, é aquele do espiritualismo integral, desse espiritualismo que se prova e se impõe pelos fatos, desse espiritualismo que não desliga ninguém das solidariedades da terra, desse espiritualismo que nos faz os próprios artesãos do estado social do planeta, desse espiritualismo que faz de todos nós partes necessárias de um mesmo todo, desse espiritualismo cuja lógica imediata nos conduz a procurar a felicidade comum em um amor comum, desse espiritualismo que nos impulsiona a procurar a vida coletiva, ao tríplice ponto de vista material, intelectual e moral; esse sol, é aquele que esse espiritualismo que é bastante expansivo para se desabrochar até o infinito e bastante profundo para impregnar de amor as entranhas da terra; esse sol, é o do espiritismo.

O espiritismo tem todo o poder para ela, que é um fato. Mas ele não é suficiente como um fato real para ser imediatamente aceito por todos. Quando o fato aparece como um inimigo, se fecha espontaneamente os olhos para não vê-lo, ou a idéia preconcebida

que se forma altera a percepção da verdade e engendra uma noção falsa do espírito. É por isso útil provar ao máximo que o fato manifestado pelo espiritismo, longe de ser um inimigo, é o mais eficaz auxiliar dos esforços sociais. É bom lhe mostrar o impasse de idéias e de sentimentos estéreis onde prende a crença ao nada final, a impossibilidade de desabrochar uma solidariedade viva em um beco sem saída tenebroso cercado por todos os lados pela morte. O ser que sacrificou sua vida a uma causa, e sobre quem pesa a cada hora a ameaça do nada definitivo, pode ele se dilatar até o amor ardente, até a fraternidade radiante, então como ele se sente como um átomo condenado na natureza eterna, como um maldito eliminado para sempre da vida universal?

Se alguns atravessam sem ódio o inferno dessa perspectiva, é preciso se descobrir diante deles, pois eles atingiram o ápice da abnegação. Mas, para aquele que será herói do sacrifício absoluto, quantos sentirão se agitar neles os sombrios pensamentos da amargura! Quantos que, após terem bebido os primeiros goles em fatias do amor humanitário, não encontrarão mais ao fundo do vaso senão um líquido horrivelmente azedo, porque o vinho em geral não terá sido renovado na fonte de todo amor! E, se o amor, se o princípio de toda solidariedade se decompõe nos corações, como quereis constituir um estado social harmônico que leva em si mesmo a lei de seu processo e de sua vitalidade coletiva? Não há vida sem um laço de afinidade que solidariza entre eles os elementos anatômicos do corpo vivo; não há vida social, partindo de uma verdadeira democracia, sem um laço de afinidade, isto é, de amor, que solidariza entre eles os elementos humanos do corpo social. Ou, o materialismo contemporâneo não nos dá a noção de solidariedade senão no estado de abstração, já que o encadeamento que essa noção comporta negligencia as individualidades, isto é, os seres concretos e conscientes, e não se manifesta senão na evolução das espécies, isto é, em alguma coisa abstrata e inconsciente. Essa concepção, é verdade, pode ser considerada como um progresso sobre as doutrinas que nos fazem entrever uma salvação pessoal; quanto deve ser mais fecunda a síntese, que, aceitando por base a solidariedade na espécie e entre as espécies de um mesmo mundo, comporta ao mesmo tempo a solidariedade efetiva, a solidariedade vivida, de todas as individualidades imperecíveis que passaram e repassaram nas formas da terra seguindo o encadeamento das espécies! A Humanidade, desde então, não é mais um ideal fictício, um monstro mitológico que devora seus filhos para conquistar não se sabe que beleza futura da qual nenhum deles participará; a Humanidade parecerá enfim como um ser real, vivo de uma vida comum graças à sobrevivência dos séculos transcorridos, graças à irradiação de amor que pode

fundir em um só todos os pensamentos de uma geração que se sente imortal e que se sente tanto mais unida quanto se sente penetrada da vida manifesta dos mortos vivos, da irradiação real e apaixonada das gerações aparentemente esvanecidas. A Humanidade não é mais uma abstração, a Humanidade é uma gigantesca personalidade viva feita de personalidades humanas imortais; a Humanidade é uma harmonia, a Humanidade é um deus. A Humanidade em seu conjunto, real, concreto e imortal, torna-se um componente de harmonias progressivas que se combinam até o infinito no insondável amor dos espaços e dos quais tentamos entrever a expressão suprema quando balbuciamos o misterioso nome do universo e do eterno: Deus!

Eis aí de quais concepções nos penetra o espiritualismo integral que denominamos espiritismo. Nosso irmão não poderia ser para nós um estranho: ele é uma parte de nós mesmos, pois que somos partes imortais de uma mesma Humanidade em formação. Se nosso irmão sofre por nós, resulta em uma ação simpática que, cedo ou tarde, conduzirá sobre nós a ação reflexo de seu sofrimento. Se milhares de irmãos sofreram por nós, nenhuma força no mundo poderá impedir de sermos torturados por esses milhares de sofrimentos. A lei de justiça é inevitável. Se um de nossos irmãos está feliz por nós, a mesma ação simpática faz jorrar sobre nós a plenitude de sua felicidade. Se, milhares de irmãos estão felizes por nós, milhares de raios vão nos inundar de nossa própria generosidade deslumbrante em sua multiplicação. Sim, glória aos benfeitores da humanidade, pois, pela lei dos mundos, a felicidade do povo se reflete neles e eles podem sentir em seus corações o tremor da Humanidade inteira. E todo homem pode tornar-se esse benfeitor, todo homem tem em si as qualidades de um deus. Oh! a lei de amor é a lei toda poderosa!

Para aquele que estuda o espiritismo em toda grandeza, a lei de justiça e a lei de amor são tão evidentes, tão manifestas como as estrelas em um céu puro; e a lei de solidariedade, que é a síntese dessas duas leis, aparece em seu funcionamento gigantesco.

Oh! quando nós as vimos face a face, essas leis sublimes, quem por isso seria bastante insensato para querer guardar em seu coração uma sombra de egoísmo, quem por isso não se lançaria com ardor em direção a essas maravilhas da vida coletiva, quem por isso não exclamaria no concerto de todas as vozes fraternas: rápido, rápido, estabeleçamos o reino da justiça e do amor! Isso não seria mais a horrorosa luta pela vida, esse legado do individualismo, esse resto da animalidade. Isso seria o concurso de todos para o bem de todos, a harmonia de todas as afinidades, a concordância de

todas as funções, o desenvolvimento e o equilíbrio de todas as faculdades, a liberdade dos corpos para a saúde, a liberdade dos espíritos para a ciência, a liberdade dos corações pelo desabrochar de todas as afeições, desabrochar tão grande que a livre afinidade de um amor especial teria completado por toda parte o ser humano no verdadeiro e inefável hino de sua dupla natureza. Seria a irradiação por toda parte, o trabalho feliz, a refeição trocada em comunhão, o prazer comum e festas de entusiasmo, de repouso em idílio ou sonhos deliciosos. Seria o reino de todos em um, essa República universal entrevista por aquele que pedia por um reino de Deus sobre a terra, pelo sublime Jesus, por esse irmão mais evoluído que quis revelar a seus irmãos mais jovens o segredo da divindade do homem e que a cegueira geral castigou por sua audácia, por esse Jesus incompreendido que mais martirizamos arrastando seu nome em todos os açougues e evocando suas feridas, desde séculos, sobre o crucifixo de opressão, que nele pregando todo ser vivo sobre o cadafalso da infâmia...Oh Jesus, aqueles que te despregam da cruz não sabem o bem que te fazem; mas tu sabes que eles trabalham para a liberdade, e tu os ama!

Será preciso muito tempo, sem dúvida, para que esses pensamentos invadam a universalidade das preocupações humanas; mas o essencial é compreender o alcance; o essencial é mostrar a educação nova que sobressairá do estudo científico da imortalidade; o essencial é poder dizer à democracia presa ainda ao materialismo: "Tu remexeste o solo para arrancar as raízes mortas torcidas na terra dolorosa, tu exploraste todos os sofrimentos, está bem; agora deixa tua picareta, e vem semear conosco, os olhos em direção do sol nascente; não é suficiente destruir, vamos juntos provocar uma vegetal nova com a colaboração do grande foco radiante sem o qual não seria capaz de impulsionar senão instituições incoerentes e efêmeras."

Quando o povo escutar essa linguagem, o porvir será bem bonito no horizonte. Espiritismo e democracia se fecundarão mutuamente, e, na vasta respiração da humanidade, poderemos seguir o ritmo harmonioso e regular que dilatará as aspirações da terra em direção das mais luminosas regiões da humanidade invisível, mais longe ainda, em direção aos astros fraternos, em direção ao infinito, e que conduzirá em seguida o pensamento humano, potencializado de todas essas harmonias evocadas, em direção ao trabalho planetário que se harmonizará consigo mesmo sob essas influências.

Como a Humanidade será bela então! E dizer que isso não é de modo algum um sonho, mas uma fórmula do porvir absolutamente científica!

Espíritas, irmãos, irmãs, trabalhem, trabalhem! Oh! como seríamos felizes se pudéssemos apressar esse acontecimento! Como nossas almas se dilatam em conjunto em direção das regiões invisíveis que nos amam, e pudessem elas, se dobrando sobre a terra, conduzir tesouros de forças para o progresso da Humanidade! (*Aplausos unânimes.*)

DISCURSO DA SENHORITA DE LASSUS:

Caros Irmãos e Irmãs em crença,

Se é uma época em que a crença na imortalidade da alma é absolutamente necessária à nossa felicidade, é seguramente na nossa.

Arrastada por duas correntes que ameaçam tragar, o clericalismo e o materialismo, a sociedade procura um meio de salvação; ela tateia, estuda, discute, treme, porque ela teme o desconhecido, e vê que está com ideia falsa.

Com efeito, o que é o clericalismo?

É a imobilidade do pensamento humano, sequestrado nos dogmas absurdos. É a servidão comandada pelo sacerdote e imposta às gerações futuras para o proveito de uma casta eternamente inimiga de toda liberdade, de toda justiça, de todo direito.

O clérigo é a sentinela demorada da civilização, rejeitando toda verdade que o embaraça e o atropela.

Semelhante aos pássaros da noite, ele não gosta da luz; ele não a quer; ele a repele e a apaga quando pode.

Ilógico, hipócrita e de má fé, ele se recusa à evidência dos fatos, ele nega a ciência porque ela o combate e lhe prova sua ignorância.

Furioso em ver seus ídolos derrubados, seus fetiches destruídos, ele conspira contra ela, e lhe grita com sua voz de pigmeu querendo apavorar Atlas :

"Tu não irás mais longe."

Esse cego é por isso o grão de areia que tenta deter o carro do progresso.

Tenhamos compaixão dele quando ele é de boa fé em sua incredulidade; pois esse não é mais um homem razoável, mas uma criatura rebaixada pela escravidão, e um ser passivo, inconsciente na mão do clero. Entretanto não temamos desmascará-lo em toda parte em que se encontre, quando, rindo em segredo de seus próprios dogmas, ele se incrusta para tiranizar ou perseguir todos aqueles que pretendem abalar seu jugo ou libertar os povos, as consciências e os indivíduos. Estejamos em guarda, pois ele pode se misturar entre nós.

Quanto ao materialista, é frequentemente um egoísta que nega a imortalidade da alma porque ela o aborrece. Talvez compreenda que ele está errado; mas ele não ousa proclamar a verdade. Ele quer pensar como seus amigos ou como o grupo de eruditos ao pertence.

Ateu por respeito humano e não por convicção, ele repete o que dizem certos mestres; ele age como aqueles. Ele já passou seu escalpelo pelo corpo humano; ele já sentiu alguma coisa vibrar em seus órgãos admiráveis; ele mesmo exclamou como Claude Bernard: "Nada se perde, tudo se transforma" mas ele não ousa desagradar; ele teme os sorrisos, a ironia, em uma palavra ele tem medo! ...

Ao entrar na vida, todo homem sério e lógico se põe essa questão: Para onde vou?

Sou o átomo que deve desaparecer, a molécula que se arrasará, ou a reunião, a aglomeração de átomos se aperfeiçoando sempre para chegar à quintessência do Ser ou primeiro princípio, Deus!!!...

Se é um pensador, e compreenderá facilmente que chegado ao estado de deboche, e suas imperfeições o provam, ele não pode ficar nesse estado, pois que toda criatura tem sua marcha ascendente em direção ao progresso.

Examinando com atenção, ele verá que a contradição que existe entre o espírito e a matéria, o desejo de fazer o bem e se inclinando para o mal, são conseqüências de uma natureza primitivamente animal, e da qual quer se desembaraçar uma alma presa do amor do belo.

Não é uma decadência, como se tem ensinado, é ao contrário uma prova de nossa origem bestial. Nosso desejo de elevação é de lento avanço, mas seguro, em direção a um estado mais normal.

Mesmo o sofrimento, que aperta o homem desde o berço até ao túmulo, não é outra coisa senão o cadinho onde a alma lança fora todas as escórias que a maculam.

Ora, para chegar à perfeição, é preciso por isso viver, trabalhar, sofrer; por conseqüência a alma não pode morrer, mas deve se transformar gradualmente, deixar sua crisálida, retomar seu vôo em direção ao infinito onde ela vai se retemperar, a fim de recomeçar seu trabalho necessário sem trégua, que a arrasta em uma harmonia em direção a outras harmonias mais puras que ela.

O homem que crê na imortalidade da alma é um titã que domina os povos e os indivíduos, pela calma do pensamento e a altura de sua visão. Fraco por natureza, herói pelos combates que ele trava com seus instintos maus; ele prevê que se tornará um dia

o gigante que se medirá com outros gigantes.

Nada o apavora; ele permanece impassível diante das tempestades da vida. A fortuna, as honras lhe parecem uma brilhante fumaça que passa. A ciência só o consola, porque o esclarece.

Tudo tem outro aspecto para ele; ele não vê como o materialista; ele não raciocina como o clérigo. O insulto como o louvor não será capaz de alterar a serenidade de sua alma. É um viajante que passa; saúda todos os homens como irmãos, ele é bom para o pequeno e o ignorante, e os considera como seres menos adiantados que ele que imploram, sua proteção.

Em comunicação direta com os grandes espíritos do espaço, ele recebe daqueles a inspiração que cria os gênios, a coragem que enfrenta os mártires e o heroísmo que anima os grandes patriotas.

As hipocrisias das pequenas almas, os cálculos do intrigante, as lisonjas dos corruptos, o fanatismo dos falsos devotos, pregando o ódio e a intolerância, o fazem sorrir de piedade, como o patriotismo interessado de certos burgueses de nosso tempo.

Essa multidão de infelizes excitadores que correm atrás do ouro e não vivem senão de agiotagem e de especulação, lhe parece uma assembléia de loucos discutindo sobre um vulcão em erupção.

Qualquer que seja a fúria do furacão, ele está a salvo, apoiado sobre a âncora da esperança; seu barco é estóico, crescendo a cada minuto como um bravo no meio do tiroteio. Em vão as enxurradas em furor o cobrem com sua espuma, ele desdenha os clamores.

A maldade humana, tão mesquinha e tão profunda, não o toca mais, porque sua alma navega sobre o oceano de amor e que seu espírito já está na imortalidade!...

Ah! que força essa sublime doutrina dá à alma!...

Quem poderá repetir com eloquência as palavras de consolação que o homem crente ouve no dia do desespero?

Que pena, que voz serão bastante inspiradas para reconstituir essas doces impressões que adocicam a amargura da decepção inesperada e fortifica a coragem cambaleante?

Senhores, para bem compreender a importância da crença na imortalidade da alma, é preciso ter sofrido, é preciso ter se sentido sozinho nesse mundo, com uma dor pungente em que parecia que tudo se aniquilava em torno de nós: fortuna, amor, porvir!...

É talvez muito melhor não acreditar em nada, quando tudo nos sorri. Quando nossos amigos estão conosco, quando a multidão nos esbanja de adulação e de suas carícias, pode-se com orgulho se vestir com insolência no manto gelado do egoísmo, e escarnecer da sorte. Mas quando se sofreu o naufrágio de todas as esperanças; quando esse monstro hediondo que se chama infelicidade está assentado em nosso lar; quando ele lavra nosso peito e faz ferver nosso cérebro, em uma palavra quando tudo nos falta, homens e crença, e então, irmãos, em que nos tornamos? para onde vamos?

Abre-se um abismo, um abismo nos atrai! Uma esperança de repouso imaginário nos fascina e a gente sucumbe pelo suicídio!...

Qual é o nosso dever, espíritas devotados?

Nossa tarefa é procurar esse irmão desesperado e lhe dizer com amor:

Amigo, seca tuas lágrimas, teus sofrimentos não serão por muito tempo. Tua alma, sopra o fogo divino, é a quintessência dos átomos materiais aperfeiçoados. Ele não pode perecer, porque ao problema da vida é preciso uma solução; pois todo trabalho tem sua recompensa, toda dor sua consolação, toda falta sua expiação lógica.

Irmão, não chores mais, levanta a cabeça e contempla esses mundos para onde irás um dia após as provas sofridas nesse planeta. Tu começaste como uma criatura ínfima, te tornaste um homem pela transformação, tarefa de ser Deus pela dor que viriliza os caracteres, forma as almas e faz crescer a humanidade!...

Tu serás sempre, porque ser finito, tu marchas em direção ao infinito.

Tu és imortal para te dar a faculdade e o meio de chegar a compreender o Ser dos seres.

Vai então, tem a sabedoria que dirigiu Pitágoras e Sócrates, marcha sem temor, legiões de espíritos velam por ti, seja sempre o cidadão do grande país que enfrentou os Gauleses invencíveis.

Aqueles também acreditavam na imortalidade da alma, e eles fizeram tremer mundo! Sem medo, e cheios de esperança, eles jamais perdiam de vista a imortal pátria onde sua bravura devia ser recompensada.

Serias tu menos corajoso que teus ancestrais? Vais desertar do posto do perigo, soldado covarde e pusilânime, baixarás tuas armas mesmo no local de combate?

Levanta-te, mergulha tua alma nesse vapor benéfico que chamamos prece; ela refrescará teu coração queimado pela febre; ela te dará o que o mundo com todos seus prazeres jamais pôde dar, a paz e a calma da consciência!

Reposto pela meditação, tu compreenderás Deus e suas obras; tu verás que não

nascente para o repouso; tu aceitarás o cálice da vida, e qualquer que seja a amargura, tu o beberás até o último gole!...

Sonha que o mártir do Gólgota te deu o exemplo; imita-o, a fim de merecer a glória que ilustra os sábios de todos os séculos, e a auréola que brilha na fronte dos defensores da humanidade!!! (*Aplausos em toda a sala*)

DISCURSO DO SENHOR GABRIEL DELANNE (FILHO)
SOBRE A QUESTÃO DE DEUS

Senhoras e Senhores,

Lançamos hoje os fundamentos de uma obra grande e fecunda: os membros da família espírita, dispersados desde a morte de nosso mestre Allan Kardec, vão novamente se achar reunidos.

A doutrina vai ter um desenvolvimento maior, resultante de nossos esforços em comum. Estudaremos sob a direção dos espíritos as grandes questões que tocam a imortalidade da alma; mas para nos apoiar sobre uma base sólida nas pesquisas em busca da verdade é preciso nos entender sobre o ponto de vista de nossos trabalhos.

A questão da existência de Deus é a mais grave que se possa fazer; é por que, eu creio necessário estudá-la do ponto de vista espírita.

Todas as religiões antigas fizeram da Divindade uma ideia falsa; elas a consideraram como uma emanção idealizada da personalidade humana, e não como um ser concreto e distinto de nós; elas a reconheciam como uma potência superior à da humanidade, mas lhe prestavam ao mesmo tempo a maior parte das paixões. Essa concepção era a resultante do estado geral dos espíritos. O princípio espiritual do homem devendo sofrer as evoluções sucessivas antes de chega à perfeição, não podia, nas primeiras idades, se fazer uma ideia correta do Ser supremo que nós chamamos Deus.

Quanto mais se desenvolve o espírito, mais suas faculdades intelectuais aumentam; o progresso prosseguindo seu curso incessante favorece a eclosão de novas ideias; a ciência, alargando o entendimento humano, recua os limites postos pela ignorância e pelo preconceito; as faculdades crescendo e se elevando; a noção da Divindade é correlata com o avanço do espírito, e um Deus reinando sobre nosso pequeno mundo não é suficiente mais à alma que descobriu o infinito do universo.

O impulso que a ciência deu ao gênero humano o fez penetrar nas profundezas do vazio; o espírito se lança no espaço por causa do telescópio, e descobre milhares de mundos se movendo no éter, e sintonizando suas esplêndidas harmonias nos celestes

campos do sem fim. É diante desses horizontes, recentemente descobertos à investigação humana, que o espírito, maravilhado concebe o criador de todas coisas tão acima de nós, que somente um esforço da razão pode fazê-lo entrever.

Por toda parte reinam a ordem, a grandeza, a majestade; tudo demonstra a bondade, a justiça d'Aquele do qual todos esses esplendores não são senão um pálido reflexo. Não, o Deus moderno não é mais aquele poderoso implacável e vingativo que condenava eternamente o homem por uma falta de um momento. A sombria divindade da Bíblia não plana mais sobre nós, como uma ameaça perpétua; não é mais o Jeová selvagem que ordenava a degola daqueles que não criam nele e fazia curvar milhares de homens sob o vento de sua cólera como um campo de juncos sob a tormenta furiosa.

O Deus moderno nos apareceu como a expressão da mais perfeita de toda ciência e de toda virtude. Sua inteligência suprema se revelou no admirável encadeamento das forças que dirigem o universo; sua bondade, pela lei da reencarnação nos permite resgatar nossas faltas por expiações sucessivas, e nos elevar por degraus até a sua majestade infinita. Nossas relações com os espíritos nos sustentam nos duros combates da vida, e nos dão uma constante energia para alcançar o objetivo que nós nos propusemos. Diante desses ensinamentos de amor e de caridade desabam as velhas lendas que faziam vergar nossos espíritos sob um dogmatismo absurdo e tirânico. Mas não é necessário elevar nossos olhares em direção da abóbada celeste para nos convencer da existência de Deus. Sobre esse ínfimo globo que nós habitamos, a terra desenrola sem cessar sob nossos olhos o movente quadro de suas transformações; as estações seguem seus cursos, os corpos se combinam, a vida circula no planeta juntando e separando as moléculas segundo leis inelutáveis. Quais são essas leis? É o que o homem, há quatro mil anos, procura estabelecer. Com dificuldade percebe ele algumas de suas diretrizes, que ele já acreditava ter alcançado o cimo dos conhecimentos humanos.

A atração planetária é um fato que ele constata sem explicá-lo; a eletricidade é um fluido que ele não conhecia senão por seus efeitos; a luz, o calor, tantos mistérios para o homem que busca aprofundar em sua constituição íntima; e entretanto as leis que produzem esses fenômenos têm entre elas analogias que denotam uma origem comum; todas, elas cumprem maravilhosamente tanto que as circunstâncias onde elas podem se exercer se apresentam; é preciso por isso que existe uma força incessante que as faça executar.

Objetar-se-á que tal molécula tem afinidade para tal outra, e que este é a causa das

combinações; mas o que é essa afinidade em si mesmo? Quem deu a matéria dessas atrações e dessas repulsões? Dizer que ela as possui de toda eternidade, é recuar o problema e não resolvê-lo, pois nós chegamos pelo estudo da mecânica celeste à necessidade de uma causa primeira inicial. Aliás, na natureza, tudo é harmonia; os corpos se unem em proporções definidas, isto é, não há para um mesmo corpo senão uma quantidade de matéria determinada que se combina, quaisquer que sejam as condições nas quais se faça a experiência. Tudo vibra na natureza em acordes harmônicos, dito de outra forma, em condições determinadas por uma inteligência; mas as leis das quais resulta essa harmonia lhe são superiores, pois a causa é sempre maior que o efeito.

Se essas observações são verdadeiras no mundo material, nós vamos ver que elas o são igualmente no mundo espiritual cuja existência nos é demonstrada de uma maneira irrefutável, pois que ele é o objeto de nossa crença. Sabemos pelos espíritos que eles mesmos obedecem a regras que lhes são impostas; ora continuando a aplicar minha teoria, eu direi: supondo mesmo que a matéria tenha sempre existido, e que elas obedecem a leis eternas que ela possua desde a origem, eu rogaria aos materialistas que me dissessem de onde vem o princípio espiritual que se manifesta de mil maneiras diferentes nas reuniões e que, nós constatamos a cada dia, é independente da matéria. Esse princípio tem, também, leis às quais ele é forçado a obedecer, e que são evidentemente superiores ao espírito pois que ele as sofre.

Daí nós concluímos que há uma força eficiente governando a matéria e o espírito que nós chamamos Deus!

Resulta do que acabamos de ver, que o Deus que nós compreendemos é infinitamente grandeza, infinitamente potência, infinitamente bondade, infinitamente justiça! É a iniciativa criadora por excelência, é a força incalculável, a harmonia universal! É Deus que plana acima da criação, que a envolve com seus fluidos, que a penetra com sua razão; é por ele que os universos se formam, que as massas celestes rolam seus esplendores faiscantes nas profundezas do infinito; é por ele que os planetas gravitam nos espaços em torno dos focos luminosos, formando auréolas radiantes nos sóis; é Deus a vida eterna, imensa, indefinível, é o começo e o fim, o alfa e o ômega.

É ele que nos abismos dos tempos quis que o universo existisse, e a poeira cósmica entrou em movimento. É por sua vontade que as admiráveis leis da matéria desenvolvem no infinito as combinações maravilhosas que produzem o que existe. É sua razão sem limites que ordenou que tudo fosse feito em vista de um efeito

inteligente; é sua justiça que traçou em caracteres indeléveis as leis de fraternidade e de solidariedade que se fazem sentir entre os homens e os mundos. É sua bondade inefável que deu ao homem, sem cessar, o meio de alcançar a felicidade por encarnações sucessivas.

Oh Deus todo-poderoso, que minha razão concebe com dificuldade! criador de todas coisas! Eu não posso te definir, mas eu te adoro em tuas obras. Eu arraso minha personalidade pensante diante de ti; eu sou como o ácaro diante do céu estrelado, mas eu sei que tu és; eu sei que tão pequeno como tu me tenhas feito, tu me vês e tu me sustentas, que, com teu auxílio eu chegarei à perfeição; é por que eu bendigo teu nome, oh Pai e criador de todas as coisas. (*Vivos aplausos*)

DISCURSO DO SENHOR LÉON DENIS

VINDO DE TOURS, PARA ESSA SOLENIDADE

Após te retratado a situação moral que o ceticismo, de uma parte, superstição cega, do outro, fazem à sociedade moderna, ele mostrou o que poderiam realizar as forças sociais, essas forças imensas, infelizmente esterilizados pelo ódio, o dia em que fossem fecundadas pela fé, pela fé iluminada, racional, aquela que pode dar aos homens o conhecimento da filosofia espírita.

Em presença dos maus que ameaçam o mundo livre com assaltos do materialismo e das paixões brutais, todo espírita deve compreender que uma grande tarefa lhe incumbe. Os primeiros entre os loucos, nós vemos o objetivo da vida, nós discernimos as leis que regem a ascensão dos seres, possuímos esse tesouro inesgotável de consolação, de verdades que aquecem as almas, as estimula no caminho do bem, do progresso intelectual e moral.

Nossa responsabilidade é proporcional à extensão de nosso saber, de nossos conhecimentos. Temos o dever de comunicar a todos as verdades que são nossa partilha, para espalhar-se no mundo esse ensinamento regenerador. Em vão os obstáculos se erguem diante de nós. Apoiados, sustentados pela legião dos Espíritos de luz, nós combateremos com sucesso o bom combate, triunfaremos nas dificuldades, imporemos a todos o amor ou pelo menos o respeito de nossas crenças.

E que não se objete a falta de recursos, a humilde situação da maior parte dos espíritas. Todas as grandes ideias, todas as doutrinas novas foram vulgarizadas pelos pequenos, pelos humildes. Exemplo, os primeiros cristãos. Nós temos como eles a fé, mas mais do que eles temos conosco a razão e os fatos. Não nos falta senão a união, união de corações e de esforços.

O orador faz um apelo caloroso à união, à concórdia. Fazei diz ele terminando, fazei uma associação que ligue todos os grupos da França, uma associação dirigida por homens sábios, experientes, designados por meio de eleição e que tragam, com um desinteresse absoluto, um devotamento sem limites à causa qual servimos. Criai um centro poderoso que imprima um impulso vigoroso para os estudos e à propaganda espírita, um meio em que não tenham acesso as dissensões, as rivalidades, as questões de personalidade

Todas as questões materiais devem se apagar diante da grandeza dos Interesses que defendemos. Abracemo-nos, apoiemo-nos uns nos outros, fundemos uma obra de fraternidade, uma obra que agrupe em um feixe nossas forças, nossos meios e ação, que os faça convergir em direção a esse objetivo elevado, em direção desse objeto constante de nossa solicitude, de nossas meditações: o Progresso moral, a Regeneração da humanidade.

O que não podemos deixar por escrito, é o calor, a majestade da linguagem do eminente conferencista; a assembléia escutava com grande atenção, sentia-se vibrar sua alma sob os argumentos comoventes do orador, tanto que essa improvisação foi interrompida por aplausos entusiásticos.

O presidente colocou em votação o princípio da federação *que foi aprovado por unanimidade*. Faz-se em seguida a leitura dos estatutos. Após diferentes observações, ficou decidido que se reunirá de novo no dia 5 de janeiro de 1883, em um dos salões do Sr. Cochet (antiga casa Richefeu, galeria de Valois, 167, Palais Royal) que nosso irmão graciosamente colocou à disposição da união. As adesões e as subscrições se fizeram em massa pelos assistentes, e ficou decidido que os outros seriam coletados nas residências dos Senhores Cochet e Delanne, passagem Choiseul, 39 e 41, Paris.

Não terminaremos este relatório sem resumir em algumas palavras a fisionomia daquela reunião que se contará na obra de desenvolvimento do espiritismo. Sentia-se muito naquela assembléia, composta dos mais variados elementos, o sopro de união e de entusiasmo, próprio dos grandes movimentos federativos; uma imensa necessidade de desinteresse e de ação comum atravessava e transportava todos os corações, citaremos somente um exemplo:

Um artigo do projeto de estatuto falava das cotas de fundadores e acrescentava que mais tarde, se fosse possível, essas cotas seriam reembolsadas aos subscritores. Logo se deu um grito: "Não, não, nada de reembolso" e o artigo foi riscado.

Podemos por isso ter um bom presságio do porvir, pois a boa vontade está na base da união espírita; a legião dos espíritos de luz a anima de sua vida superior, e nós só temos que trabalhar com todo nosso coração para estarmos seguros de conseguir.

Nós terminamos fazendo um caloroso apelo a todos nossos irmãos de Paris e do interior. Desejosos de ver a doutrina retomar sua marcha ascendente, nós os convidamos a se agrupar em torno de nós, para manter alto e firme o estandarte do Espiritismo.

SUMÁRIO DA SESSÃO DE 15 DE JANEIRO DE 1883

Presidente: Sr. Delanne, pai,

Secretários: Srs. Chaigneau e Gabriel Delanne.

Desde a abertura da sessão, faz-se a leitura dos estatutos da União Espírita Francesa; são aprovados por unanimidade.

A ordem do dia chama a discussão da assembléia para a nomeação do comitê definitivo, - Após algumas trocas de ideias, a assembléia nomeou para o comitê as pessoas cujos nomes seguem mais abaixo.

Foi feita a leitura de um relatório da sessão do dia 24 de dezembro, publicado pelo *Papillon*. A assembléia vota agradecimentos à Senhora Olympe Audouard.

A união decide em seguida que ela se reunirá todas as primeiras sextas -feiras de cada mês na residência do Sr. Cochet, na galeria de Valois, 167, Palais Royal, mas que o comitê poderá, em caso de absoluta necessidade, convocar a união em assembléia extraordinária fora das datas fixadas.

O comitê lembrará aos membros da União que o jornal não pode ser publicado senão quando os fundos subscritos forem devolvidos, roga por isso aos nossos irmãos que não tiverem feito seu pagamento por favor o façam o mais cedo possível .

A sessão terminou às onze horas.

LISTA DOS MEMBROS DO COMITÊ

LISTE DES MEMBRES DU COMITÉ	
Mesdames,	Messieurs,
FROPO,	DELANNE père,
DELANNE,	Docteur JOSSET,
DIEU,	— CHAZARAIN,
COCHET,	CHAIGNEAU,
DE LASSUS,	Capitaine BOURGÈS,
DORY,	L. DENIS,
NOEGGERATH,	HISS,
RODIÈRE,	G. DELANNE,
GUYOT,	JOHANNEAU,
PORTIER,	TARLAY,
DARDOUILLET,	COCHET,
SOUCHON,	DE RUDDER,
HORSIN,	BLIN,
BAILLET,	LALLEMAND,
ALVIM,	POULAIN,
LALLEMAND,	DUCHAUSOY,
DE RUDER,	MACHET,
CLARISSE BERTRAND.	BOUTIN,
	LUSSAN,
	BABLIN,

As reuniões do comitê têm lugar nas segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras de cada mês, na residência do Sr. Delanne, passagem Choiseul, 39 e 41, Paris.

ESTATUTO
PARA
UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA
E A
FUNDAÇÃO DE UM JORNAL

Aprovados pela Assembléia geral de 24 de dezembro de 1882

TÍTULO I

A fim de dar um novo impulso ao espiritismo na França, certo número de espíritas e chefes de grupos de Paris se reuniram e formaram um comitê de iniciativa para organizar a *União Espírita Francesa*.

TÍTULO II

ART. 1º. – A união tem por objetivo o agrupamento de espíritas franceses, o estudo de todos os fenômenos espíritas, e a propagação da filosofia e da moral do espiritismo por todos os meios que as leis autorizam, e principalmente pela publicação de um jornal bimensal tendo por título: *O Espiritismo*, órgão da *União Espírita Francesa*.

ART. 2º. – Essa associação terá a denominação de: *União Espírita Francesa*. Sua sede é provisoriamente na galeria de Valois, 167, no Palais Royal, onde se farão as reuniões, nas 1as. sextas-feiras de cada mês, às 8 horas.

ART. 3º. – As questões políticas e de controvérsia religiosa são proibidas.

ART. 4º. – A União se compõe de membros titulares, honorários e correspondentes.

ART. 5º. – Todos os titulares, homens ou mulheres, são elegíveis a todas as funções que são eletivas e absolutamente gratuitas.

ART. 6º. – O ano social começa em 31 de março, e as eleições administrativas se farão na segunda quinzena de abril.

TÍTULO III

ART. 7º. – A União será administrada por um comitê central de trinta membros pelo menos, nomeado pela assembléia geral. Será nomeado um presidente titular encarregado de representar a União nas relações com a autoridade.

ART. 8º. – A cada sessão, o comitê escolherá seu presidente entre os membros.

ATRIBUIÇÃO DO COMITÊ.

ART. 9º. – As principais atribuições do comitê serão:

1º. O cuidado dos interesses da doutrina e sua propagação;

2º. O estudo dos novos princípios suscetíveis de entrar no corpo da doutrina;

3º. A concentração de todos os documentos e registros que podem interessar ao espiritismo;

4º. A extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos das sociedades dos diferentes países;

5º. A correspondência;

6º. A direção do jornal que será o órgão da federação, dito de outra forma: da *União Espírita Francesa*;

7º. A direção das sessões da União;

8º. O registro oral e as conferências;

9º. As visitas e instruções às reuniões e grupos de Paris e dos departamentos (municípios);

Essas atribuições serão repartidas entre os diferentes membros do comitê, segundo a especialidade de cada um.

ART. 10. – Para subvencionar as despesas da União será paga uma cotização anual de 6 francos.

SOBRE O JORNAL

ART. 11. – A assinatura do jornal bimensal, *O Espiritismo*, tendo 8 páginas de texto, será de 4 francos por ano.

ART. 12. – Todo membro que fizer um pagamento de 50 francos e acima adquire o título de fundador.

ART. 13. – Todo membro que fizer um pagamento de uma soma inferior a 50 francos adquire o título de subscritor.

ART. 14. – A subscrição não pode ser inferior a 5 francos.

ART. 15. – O jornal será o órgão da *União espírita*, que designará os membros do comitê para tomar a direção e a redação.

OBSERVAÇÕES

Relativas às subscrições

Rogamos a nossos irmãos em crença que queiram nos dirigir suas subscrições observar que há, em nossa obra, três partes distintas:

1º. Subscrição de 6 francos na federação;

2º. Assinatura do jornal, 4 francos por ano;

3º. As doações gratuitas para a fundação do jornal e a extensão da federação.

As subscrições serão recebidas nas residências dos Senhores:

Delanne, passagem Choiseul, 39 e 41;

Cochet, galeria de Valois, Palais Royal, 167;

Lussan, rua Richelieu, 21.

LISTA DOS MEMBROS DA UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

LISTE DES ADHÉRENTS A L'UNION SPIRITE FRANÇAISE

ET ABONNÉS AU « SPIRITISME »

FONDATEURS :

M^{mes} Bazin,
Collomb,
Chapoton,
Delanne,
Dieu,
Fropo,
Lebay,
Paris,
Penay,
Servièrès.
MM. Bourgès,
Clapeyron,
Cornillau,
Chaigneau,
Delanne,
Denis,
Docteur Josset,
Johanneau.

SOUSCRIPTEURS :

M^{me} Næggerat,
M. His,
M^{me} Levadée.
M^{me} Martin,
M. Tacinet,
M^{me} de Bernard,
M. le docteur Chazarain,
M^{me} Gérard,
M. Gaudron,
M^{me} Gaudron,
M. Lair,
M^{me} Leclerc,
M. Lallemand,
M. Malaisé,
M. Plumet,
M. Dory,
M^{me} Arnaud,
M. Breton,
M. Bonseme,
M^{me} Bourgoïn,
M. Blin,
M. Boutin,
M^{me} Chabrol,

M^{me} Chaboudet,
M. Cordier,
M. de Rudder,
M. Dard,
M. Dory,
M. Dardouillet,
M. Desvignes,
M. Fouché,
M. Girarbon,
M^{me} Horsin,
M. Henry,
M. Hutin,
M. Jourdan,
M^{me} Koch,
M. Lussan,
M^{me} Morel,
M. Millet,
M. Peston-Quillé,
M. Roulx,
M. Thibaut,
M. Truffy,
M. Claudius Raynoud,
M^{me} Martin.

ADHÉRENTS ET ABONNÉS.

Paris.

M^{me} Olympe Audouard,
M^{me} Adam,
M^{me} Alvim,
M. Berthet,
M. Baillet,
M. Bresnus,
M. Bariol,
M. Boiste,
M. Bise,
M. Colin,
M. Chardon,
M. Charbonnel,
M. Cordier,
M. le colonel Carré,
M. Coutant,
M^{lle} Dutertre,
M^{me} Danton,
M. le colonel Devoluet,

M. Daniel,
 M. Delattre,
 M. Ed. Dory,
 M. Engel,
 M. Fabre,
 M. Goglz,
 M^{me} Gonet,
 M. Grange,
 M^{me} Henry,
 M^{me} Hansen,
 M. Huguet,
 M^{me} Guiauchin,
 M^{lle} Huet,
 M. Julien,
 M. Kronberg,
 M^{lle} Lardot,
 M. le capitaine Lefèvre,
 M. le commandant Lagougine,
 M. Machet,
 M. Segundo Olivier,
 M^{me} Orme,
 M. Rochet,
 M. Rohart,
 M^{me} Rodière,
 M. Raymond,
 M^{me} Semen,
 M^{me} Souchon,
 M. le docteur Thurman,
 M. Tassel,
 M^{me} Ugalde,
 M. Véron,
 M^{me} Villatte,
 M. Vander Auwermeuler,
 M. Vernois,
 M^{me} Vernois,
 M. Bablin,
 M^{me} Bigonville,
 M^{me} Chuder,
 M. Chaudouet,
 M. Duchaussoy,
 M^{me} Dory,
 M. Franck,
 M^{me} Maquet,
 M^{lle} Marguerit,
 M^{me} Rolland,
 M. Vialat.

Départements.

M. le capitaine Azerm,
 M. Brisse,
 M. Bouloux,
 M. Bouteblay,
 M. Bertrand,
 M. Beloncle,
 M. Blavette,

M^{me} Boblot,
 M. Bourdain,
 M. Bussereau,
 M. Bazot,
 M. Cambel,
 M^{me} Caron,
 M. Chabris,
 M. Clapeyron,
 M. Cormier,
 M. Chauvigné,
 M. Desbois,
 M. de Fouré des Pillières,
 M^{me} Déan,
 M^{me} David,
 M. Didier,
 M. Etienne,
 M. Froger,
 M. Frottier,
 M. Gontard,
 M^{lle} Guyon,
 M. Grenet,
 M. Georges,
 M. Hubert,
 M. Harmant,
 M. Jaubert,
 M. Krell,
 M. Laroque-Chabot,
 M. Lichelit,
 M. Lehaut,
 M. Lasseron,
 M. Laugier,
 M^{me} Lavitayer,
 M^{lle} Messin,
 M^{me} Malherbe,
 M^{me} Mouret,
 M. le capitaine Mendy,
 M. Niepceron,
 M^{me} Page,
 M. le capitaine Pierron,
 M. Petitjean,
 M. Poignard,
 M. Quentin,
 M. Rondeau,
 M. Rohaut,
 M. Rebondin,
 M. docteur Rouzier-Grangeneuve.
 M. Seris,
 M. Simonnot,
 M. Tibaud,
 M. Touzard,
 M. Tabourin,
 M. Thomas,
 M. Tournier,
 M. Vincent,
 M^{me} Viard.

APÊNDICE

Dados Cronológicos da Revista Espírita e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e da ***"Union Spirite Française"***.

1858 - A Revista Espírita é criada por Allan Kardec, situada na Rua dos Mártires, 8. Em 01/04, Allan Kardec fundava em Paris a “Société Parisienne des Études Spiritiques” (Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas), que funcionou inicialmente na galeria de Valois no Palais Royal.

1860 - A Revista Espírita e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas são transferidas para a Passage Sainte-Anne, 59.

1869 - Com a desencarnação de Allan Kardec em 31/03, Pierre Gaétan Leymarie torna-se o Editor da Revista Espírita.

1870 / 1871 - Guerra Franco/Germânica – “La commune”.

1882 - Em 24/12, Se propõem a formação de uma assembleia geral para organizar a ***"Union Spirite Française"*** e a criação de um jornal.

1883 - Em 15/01 é criado o estatuto da ***"Union Spirite Française"*** e o Jornal ***"Le Spiritisme"***.

1901 - Desencarna em 10/04, P. G. Leymarie. A Sr^a. Marina Leymarie assume a direção da Revista Espírita até 1904.

1904 - Paul Leymarie assume a Revista Espírita até 1916.

1914/1918 - 1ª Guerra Mundial. A Revista Espírita tem sua publicação suspensa até 1916.

1917 - A Revista Espírita volta a ser publicada, tendo como proprietário Jean Meyer, sendo seu diretor até 1931. Até 1924, Paul Leymarie foi seu editor.

1918 - Jean Meyer transfere a ***"Union Spirite Française"***, instalando-a em Paris na sua vila em Auteuil.

1919 - Jean Meyer transforma a ***"Union Spirite Française"*** em Associação tendo como presidente Gabriel Delanne e como presidente de honra Léon Denis.

1923 - Jean Meyer compra o prédio nº 8 da Rua Copernic, em Paris onde estabelece a sede da ***"Union Spirite Française"***. Este prédio ficou conhecido como a Maison des Spiritiques. (Casa dos Espíritas)

1925 - A Maison des Spirités sediou o Congresso Espírita Internacional com a participação de Léon Denis e Conan Doyle, tendo como vice-presidente Jean Meyer.

1926 - Desencarna Gabriel Delanne, primeiro presidente da *"Union Spirite Française"*.

1927 - Desencarna Léon Denis presidente de honra da *"Union Spirite Française"*.

1931 - Desencarna Jean Meyer em 13/04 na sua vila Valrose, em Béziers França. Seu amigo Hubert Forestier assume a direção da Revista Espírita até 1971.

1939 /1945 - Segunda Guerra Mundial. *"Union Spirite Française"* interrompe suas atividades.

1968 - A Revue Spirite passa a ser propriedade de Hubert Forestier, que a registrou no Instituto Nacional de Proteção Industrial.

1971 - Desencarnação de Hubert Forestier. Seus herdeiros transferem os direitos da Revue Spirite para André Dumas.

1976 - André Dumas, anuncia o abandono do título da Revue Spirite e a incorpora numa publicação não espírita denominada "Renaître 2000", e também que a *"Union Spirite Française"* **deixa de existir em abril** para dar lugar a *"Union Scientifique Francophone pour l'Investigation Psychique et l'Etude de la Survivance de l'Ame"*.

1977 - Em 20/01, o Presidente da Federação Espírita Brasileira, Francisco Thiesen escreveu ao Sr. André Dumas, para oficializar a proposta a quem de direito, no sentido de assumir a responsabilidade integral e definitiva pelo título e pela manutenção de "La Revue Spirite". Proposta esta que foi recusada.

1985 - Criação da "Union Spirite Française et Francophone", por Roger Perez. André Dumas escreve a Roger Perez, que qualquer tentativa para adquirir os direitos sobre a Revue Spirite representa concorrência desleal.

1989 - A "Union Spirite Française et Francophone", obtém em sentença judicial a recuperação do direito de utilização do título "Revue Spirite", perante o Tribunal de Meaux, por não ter André Dumas renovado os direitos de propriedade do título da Revista em tempo hábil.

No 4º trimestre, sob o nº 1, ano 132, ressurgiu a "Revue Spirite", após 12 anos de interrupção.

1992 - Fundação do Conselho Espírita Internacional (CEI), Constituído em 28 de novembro de 1992 em Madri, na Espanha. Que abrange 36 países.

1997 - Desencarnação de André Duma. E o encerramento da *"Union Scientifique*

Francophone pour l'Investigation Psychique et l'Etude de la Survivance de l'Ame"
que foi herdeira na antiga "*Union Spirite Française*".

Fontes: Revista Panorâmico Espírita